

CAPOEIRA ANGOLA: FILOSOFIA DO SABER POPULAR¹

Habina Luís Nhanque²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar em que medida a Capoeira Angola pode ser considerada uma filosofia de saber popular transmitida oralmente dos mais velhos para os mais jovens. A Capoeira Angola é uma manifestação cultural e artística que está associada à vinda dos escravizados da África para o Brasil. Trata-se de uma filosofia de vida que ensina, entre outras coisas, a viver de forma coletiva e a ter respeito pelos mais velhos da comunidade, bem como a preservar a ancestralidade e a memória coletiva afro-brasileira. A metodologia utilizada consistiu na pesquisa bibliográfica, na análise de registros audiovisuais com mestres e pesquisadores da Capoeira Angola e na observação-participante em eventos culturais e acadêmicos relacionados ao tema. Os resultados do estudo mostraram que a Capoeira Angola, trazida e reinventada pelos africanos escravizados no Brasil, é considerada não apenas um esporte nacional, mas também uma filosofia de vida que transmite os valores civilizatórios afro-brasileiros e modos de viver em sociedade. Além disso, concluiu-se que a roda de capoeira se apresenta como um espaço de aprendizagem, de acolhimento, e de reflexão, conectando neste espaço-tempo passado, presente e futuro.

Palavras-chave: capoeira - Brasil; memória coletiva - Brasil; tradição oral - Brasil.

ABSTRACT

This article aims to analyze to what extent Capoeira Angola can be considered a philosophy of popular knowledge transmitted orally from the elderly to the young. Capoeira Angola is a cultural and artistic manifestation that is associated with the arrival of enslaved people from Africa to Brazil. It is a philosophy of life that teaches, among other things, how to live collectively and have respect for the community's elders, as well as preserving Afro-Brazilian ancestry and collective memory. The methodology used consisted of bibliographical research, analyzing audiovisual records with masters and researchers of Capoeira Angola, and participant observation in cultural and academic events related to the subject. The results of the study showed that Capoeira Angola, brought and reinvented by enslaved Africans in Brazil, is considered not only a national sport but also a philosophy of life that transmits Afro-Brazilian civilizational values and ways of living within the community. Furthermore, it was concluded that the capoeira circle presents itself as a space for learning, welcoming, and reflection, connecting past, present, and future in this space-time.

Keywords: capoeira - Brazil; collective memory - Brazil; oral tradition - Brazil.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade.

² Graduando em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), através do Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/UNILAB), realizada no período de 01 de outubro de 2022 a 30 de setembro de 2023.

O presente trabalho resulta de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar em que medida a Capoeira Angola pode ser concebida enquanto uma filosofia de saber popular cuja transmissão ocorre por meio da oralidade, ou seja, dos mais velhos para os mais novos. Assim, procurou compreender os pensamentos e ensinamentos que se fazem presentes na Capoeira Angola, com ênfase naqueles oriundos das contribuições de Mestre Pastinha. E buscou dialogar com as contribuições de outros mestres e mestras da Capoeira Angola.

É importante frisar que não existe uma definição exata a respeito da Capoeira Angola. A título de exemplo, mesmo entre os capoeiristas, mestres, mestras e pesquisadores, não há um consenso sobre a definição correta da Capoeira Angola. Porém, existem alguns princípios, fundamentos, tradições cujos detalhes variam, mas não a base do conteúdo epistemológico. Em função disso, é possível afirmar que a Capoeira Angola pode ser entendida como uma filosofia de vida associada a uma luta de autodefesa que envolve dança, cânticos e lamentos. Em outras palavras, a Capoeira Angola é uma manifestação cultural e artística interligada à vinda de grupos humanos escravizados de África para o Brasil.

Não apenas, a Capoeira Angola é uma filosofia de vida que nos ensina uma forma de viver no mundo de uma maneira coletiva e de ter respeito aos mais velhos da comunidade, ela é um espaço de acolhimento, que não só limita em ensinar os movimentos de ataque e de defesa, é também um espaço de reflexão. Conectando, portanto, passado, presente e o futuro. Assim, a Capoeira Angola é uma filosofia de saber popular que envolve conhecimentos sobre a construção de um saber e de uma educação crítica para a cidadania. Tendo em vista esses aspectos, a capoeira é uma filosofia de saber relacionada aos princípios ou valores civilizatórios afro-brasileiros, ou afro-referenciados, o que estimula um modo de ser, uma subjetividade e uma resistência às injustiças sociais. A filosofia da Capoeira Angola está associada a um modo de vida, à resistência às opressões e a uma educação cidadã por meio da oralidade.

Adicionalmente, o interesse pelo tema surgiu em 2022, durante as aulas das disciplinas "Filosofia como Teoria e Modo de Vida" e "Fundamentos Filosóficos e Práticos do Samba e da Capoeira". Ambos componentes foram ministrados pela professora doutora Elizia Cristina Ferreira, embora tenham sido ministrados em semestres diferentes. Além disso, minha

participação no grupo de estudos AnDanças também contribuiu significativamente para o a escolha do tema desta pesquisa relacionada à Capoeira Angola.

Abordar um tema como este se constitui numa proposta acadêmica de grande relevância social, na medida em que se espera que o presente artigo contribua para esclarecer à sociedade a importância de praticar a Capoeira Angola e enxergá-la não apenas como um esporte, mas também como um espaço de aprendizagem social, de troca de conhecimentos, experiências de vida e acolhimento. Além disso, acredita-se que este trabalho ajudará nossa sociedade a compreender a importância de preservar e valorizar a cultura popular afro-brasileira da qual a Capoeira Angola descende e se apresenta como um exemplo privilegiado.

O presente artigo busca também contribuir para sanar algumas dúvidas e preconceitos que possivelmente existam na academia em relação à cultura popular e suas potencialidades epistemológicas. Nesse contexto, espera-se que este trabalho sirva como uma das referências importantes e fonte de inspiração para outros pesquisadores e pesquisadoras que pretendam estudar futuramente a temática da Capoeira Angola enquanto uma filosofia de saber popular e comunitária. Além disso, é importante destacar que a lei 10.634/2003, posteriormente atualizada pela lei 11.645/2008, prevê a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares brasileiros, algo em total conexão com as análises aqui desenvolvidas.

Neste artigo, foi utilizado prioritariamente o método de pesquisa bibliográfica. Além disso, foram consultadas produções audiovisuais (documentários, lives e afins) assim como envolveu a participação em eventos acadêmicos ligados ao tema, nomeadamente: a VI Festival das Culturas³, que aconteceu entre os dias 17 e 19 de novembro de 2022, e a VIII Semana Universitária⁴, realizada de 29 de novembro a 02 de dezembro de 2022. Por sua vez, o artigo contou com informações obtidas a partir da participação nas aulas do curso de extensão intitulado “Capoeira: formação educativa para a cidadania- aproximações teóricas”. Além disso, houve participação em palestras e eventos diversos que aconteceram dentro e fora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

O presente trabalho estrutura-se em três sessões. Na primeira parte faz-se uma contextualização geral sobre as teorias relacionadas à origem da capoeira e se analisa o processo histórico da capoeira na sociedade brasileira e no cenário internacional. A segunda parte trata do processo de aprendizagem na Capoeira Angola, abordando a sua forma de ensino que se dá

³ O Festival das Culturas é um evento de caráter cultural realizado uma vez por ano na UNILAB. O evento inclui dança, oficinas, audiovisual, artesanato, teatro e música.

⁴ A Semana Universitária é um dos maiores eventos acadêmicos que acontecem na UNILAB uma vez por ano.

mediante a oralidade, ou seja, dos mais velhos para os mais novos. A terceira e última sessão versa sobre a Capoeira Angola enquanto uma filosofia de saber popular e a sua relação com filosofia de vida interligada à resistência às opressões.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CAPOEIRA ANGOLA

2.1 TEORIAS SOBRE A ORIGEM DA CAPOEIRA

Primeiramente, este artigo versa sobre a Capoeira Angola enquanto uma filosofia de saber popular e modo de vida. Assim sendo, na primeira sessão deste artigo, buscamos problematizar o conceito da Capoeira Angola. Além disso, centralizamos neste momento os debates sobre a origem da capoeira no Brasil.

A capoeira pode ser compreendida como uma manifestação artística cultural interligada à vinda de pessoas escravizadas do continente africano para o Brasil, em outras palavras, ela é uma manifestação popular afro-brasileira. Na perspectiva da pesquisadora e Mestra Janja Araújo (2019)⁵ a capoeira pode ser entendida como um movimento social de resistência e de luta contra a violência.

Com um intuito ilustrativo, é largamente aceita a tese que a capoeira foi criada no Brasil através dos escravizados oriundos do continente africano, sobretudo na sua maioria de origem nos atuais Congo e Angola. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014, p. 19) a capoeira pode ser entendida como “uma manifestação cultural que se caracteriza por suas múltiplas dimensões, é ao mesmo tempo dança, luta e jogo”.

Observando o trecho acima citado, compreende-se que a capoeira, para além de ser entendida como manifestação cultural, é também uma arte marcial e, para muitos, uma luta disfarçada em forma de dança e cânticos.

No *Documentário Mestre Curió Capoeira Angola Part 1*, conforme Jânio Martins dos Santos, conhecido na Capoeira Angola por Mestre Curió (2020, s.p.) “[...] a capoeira é arte, dança, malícia, filosofia e educação”. A capoeira se apresenta, portanto, como “um jogo de **liberdade**, e, como tal, é uma ética, constituindo-se como um campo multidisciplinar e multirreferencial por excelência. [...]” (Oliveira, 2015, p. 253, grifos do autor). Assim, conforme Vicente Ferreira Pastinha, conhecido na Capoeira Angola por Mestre Pastinha, nos

⁵ Rosângela Costa Araújo, conhecida na Capoeira Angola pela Mestra Janja, professora do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

lembrou a origem da Capoeira Angola no Brasil ocorreu com a vinda dos escravizados africanos, em sua maioria angolanos, que se dedicavam principalmente à prática desta manifestação cultural. Em razão dessa conexão surgiu o nome Capoeira Angola para tratar do estilo tradicional de capoeira (Mestre Pastinha, 1988).⁶

Com certeza, existem várias explicações sobre a origem da capoeira no Brasil, tanto para os pesquisadores e assim como para capoeiristas. Nesse contexto, consoante o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014, p.19):

As origens da capoeira remetem basicamente a três mitos fundadores: a capoeira nasceu na África Central e foi trazida intacta por africanos escravizados; a capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil; a capoeira é criação dos índios, daí a origem do vocábulo que nomeia o jogo.

Persistindo nas explicações sobre a origem da capoeira, diz Mestre Neco, no documentário “Pastinha uma vida pela capoeira” que a capoeira foi criada por escravos, no sentido de se protegeram das violências produzidas por seus “donos” (Muricy, 2018). Segundo a concepção do historiador, Matthias Röhrig Assunção (2008), falar da origem de capoeira sempre gera muitas discussões e controvérsias. Além disso, é importante destacar que existem dois grandes discursos sobre a origem da capoeira: um é o nacionalista e outro é o afrocêntrico. Ou seja, como assinala Assunção (2012), há dois discursos ou narrativas históricas fundamentais que devem ser levadas em consideração sobre a origem da capoeira. A primeira diz respeito ao que o autor chama de "nacionalista brasileira" e a segunda e última, é a "afrocêntrica”.

Sem dúvida, a teoria nacionalista defende que a origem da capoeira é brasileira, ou seja, ela teria nascido em senzalas e quilombos. Enquanto a teoria afrocêntrica alega que a origem da capoeira é africana, isto é, ela teria se originado a partir de manifestações africanas preservadas na diáspora, tal qual o *n'golo*.

O que não se discute em relação à origem da capoeira são as contribuições dos negros do continente africano levados para o Brasil durante o período da escravidão para trabalharem nas plantações de cana-de-açúcar, bem como os afro-brasileiros, que desempenharam um papel fundamental para o desenvolvimento da manifestação cultural.

Em função dos elementos destacados, descreve Assunção (2012, s.p.):

⁶ Segundo Mestre Pastinha (1988, p.20) “O nome da Capoeira Angola é consequência de terem sido os escravos angolanos, na Bahia, os que mais se destacaram na sua prática.”

[...] A nacionalista enfatiza tudo que a capoeira tem de novo, para ressaltar a sua originalidade, e portanto, a originalidade da cultura brasileira. A afrocêntrica, particularmente na sua vertente mais fundamentalista, ressalta apenas os aspectos «derivados da África» para demonstrar que a capoeira é, antes de tudo, africana.

Analisando o trecho exposto acima por Assunção sobre as narrativas relacionadas ao surgimento da capoeira, a nacionalista e a afrocêntrica, compreende-se que a nacionalista defende que a origem da capoeira se deu no Brasil e tenha surgido com os escravizados e nos quilombos no processo de resistência à escravidão. Já a abordagem afrocêntrica defende que a origem da capoeira é africana, por exemplo, que ela está associada às culturas banto, em outras palavras, a capoeira seria uma manifestação cultural derivada do grupo étnico banto localizado entre atuais Angola e o Congo. Assunção (2012, s. p.) afirma que “a narrativa nacionalista sobre a história da capoeira predominou na sociedade brasileira durante o século XX e ainda é prepondera hoje”.

De fato, os discursos nacionalistas e afrocêntricos, persistem muito fortemente na capoeira, o que se encontra relacionado às disputas em torno da identidade nacional brasileira. Certamente, é possível dizer que a capoeira tem uma origem africana, mas ela foi desenvolvida no Brasil através dos escravizados, negros libertos e outros grupos sociais que com eles conviviam. Assim, o Brasil é considerado o país onde a capoeira se desenvolveu, resistiu a muitas perseguições e permanece até a atualidade.

Por outro lado, podemos afirmar que há uma expansão enorme da capoeira, para exemplificar, atualmente ela está presente em vários países do mundo, como confirmou o então ministro da Cultura do Brasil, Gilberto Gil⁷, no seu discurso feito em 2004, na Suécia. Em sua fala ele disse que “atualmente, a capoeira é praticada em mais de 150 países. Nas Américas, no Japão, na China, em Israel, na Coreia, na Austrália, na África e em praticamente toda a Europa [...]” (IPHAN, 2014, p.121). Enfim, observando o trecho citado, percebe-se que a capoeira, hoje, está presente e é praticada em todos os cinco continentes.

2.2 PROCESSO HISTÓRICO DA CAPOEIRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Em conformidade com Mestre Pastinha (1988), é possível afirmar que a capoeira serviu no passado como uma das estratégias utilizadas pelos escravizados para se defenderem. Assim

⁷ Gilberto Gil, músico brasileiro e compositor. Foi o ministro da Cultura, do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, entre de 2003 a 2008. Para mais informações acerca do discurso preferido pelo Gilberto Gil, sobre a difusão da capoeira no mundo, consultar o dossiê resultante da patrimonialização da *Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira*, de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014, ver página 121.

sendo, ao observar o argumento apresentado pelo Mestre Pastinha, percebe-se que as classes oprimidas, principalmente escravizados e negros libertos, utilizaram a capoeira como a “arma” para combater a opressão e a desigualdade social no Brasil.

Vale ressaltar que a Capoeira Angola, além de ser reconhecida atualmente por certos setores da sociedade brasileira como um esporte nacional, é percebida por seus protagonistas, nomeadamente mestras e mestres de capoeira, como uma manifestação cultural e popular afro-brasileira relacionada a uma filosofia de vida, a uma ética pautada em valores civilizatórios associados à diáspora africana no Brasil. Outrossim, apontou Bruno Andrade (2016, p.48-49):

Pensar a diáspora africana nas Américas significa considerar histórias de escravidão, subordinação racista, sobrevivência cultural, assimilação, hibridação, resistência e rebelião política, o que implica ter em conta não só o movimento transnacional, mas também o contexto de lutas e tensões históricas que o sucede. É importante destacar que neste processo são transportadas e resignificadas práticas de conhecimento que expressam valores civilizatórios e informam modos de inserção social e de convivência comunitária. Por este motivo, diversos movimentos antirracistas nas Américas se apropriam da ideia de diáspora para encontrar pontos de reciprocidade e trocar experiências de enfrentamento [...].

Ao apreciar o argumento apresentado por Andrade sobre a ideia da diáspora africana nas Américas, pode-se pensar/refletir sobre injustiças que aconteceram no passado. Isso deve-se ao processo da colonização, da escravatura dos negros africanos e da posterior subordinação social da população afro-brasileira. Em relação com esse processo histórico dessa prática cultural diaspórica vale salientar que, até a década de 30 do século XX, praticar a capoeira no Brasil era considerado crime. Tal como ser capoeirista era caracterizado como coisa de **marginais**, e **desocupados**. Com um intuito ilustrativo, vale observar o que previa no *Código Penal dos Estados Unidos do Brasil*, de 1890, no seu Capítulo XIII:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena - de prisão celular por dois a seis meses.

Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência, será aplicada ao capoeira, no grão máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes (Brasil, 1890, cap. XIII, art. 402-404).

Tendo em vista esses aspectos acima citados, sobre a criminalização da capoeira pelo Estado brasileiro de 1890 a 1934, Tavares (1992, *apud* Abib, 2017, p.64) afirma que: “a capoeira deixa de ser crime em 1934, no decreto do então presidente Getúlio Vargas, fato que se deve também, entre outros fatores, à influência do processo desencadeado por Mestre Bimba⁸.” Dessa maneira, é possível afirmar que a capoeira só deixou de ser considerada crime no Brasil graças às lutas desencadeadas pela diáspora negra, a saber, através de vários movimentos negros que lutavam para valorização da cultura e a história de povo negro africano escravizado. Em relação a esta história de luta social, vale destacar o papel da negociação social, que pode ser pensada como uma das estratégias de luta em Estado brasileiro descriminalizar a capoeira.

Nesse contexto, abordando a relevância da negociação social como estratégia de resistência, Reis e Silva (1989, p.14) afirmam:

No Brasil como em outras partes, os escravos negociaram mais do que lutaram abertamente contra o sistema. Trata-se do heroísmo prosaico de cada dia. ‘Apesar das chicotadas, das dietas inadequadas, da saúde seriamente comprometida ou do esfacelamento da família pela venda, os escravos conseguiram viver o seu dia-a-dia’, conforme analisou Sandra Graham. ‘Relativamente poucos, na verdade, assassinaram seus senhores, ou participaram de rebeliões, enquanto que a maioria, por estratégia, criatividade ou sorte, ia vivendo da melhor forma possível’.

Ao examinar atentamente o trecho acima exposto, é possível compreender como os escravos eram severamente maltratados pelos seus senhores, bem como pelas autoridades policiais. Assim, sem outra alternativa, eles tiveram que recorrer às negociações com seus senhores e com as estruturas de poder, embora alguns tenham chegado ao extremo de assassinar seus patrões para justificar a legítima defesa. Nesse contexto, é possível perceber que ocorreu um processo de negociação entre a sociedade e o Estado brasileiro como uma das estratégias de resistência para que a cultura afro-brasileira permaneça viva até os dias atuais.

Acerca do papel fundamental da cultura diaspórica no processo de resistência Reis e Silva (1989, p. 101) afirmam:

Os africanos recriaram na Bahia uma rede cultural e institucional rica e peculiar, enraizada nas tradições étnicas africanas mas readaptada ao contexto da escravidão e da sociedade predominantemente europeia do Novo Mundo. Os ‘cantos’ ou grupos de trabalho, as juntas de alforria, as práticas religiosas e lúdicas funcionavam como estratégias de sobrevivência e resistência relativamente autônomas dentro do reduzido espaço social permitido pelo regime escravocrata.

⁸ “[...] Mestre Bimba foi uma grande liderança, [ele criou um estilo de capoeira conhecido como Capoeira Regional e] articulou um importante processo de luta pelo reconhecimento e respeito pelas tradições afro-brasileiras, apesar de algumas injustas acusações que recebeu sobre sua pretensa “traição” aos princípios e fundamentos africanos” (Abib, 2017, p.155).

Com base no argumento exposto acima, é possível observar uma forte presença da cultura africana e afrodescendente no Brasil. Por exemplo, o candomblé, o samba, a capoeira, a inclusão de palavras banto na língua portuguesa, pratos típicos da culinária, entre outros. Tudo isso é resultado do processo de escravidão, no qual os africanos foram retirados de suas terras e trouxeram consigo suas culturas, costumes e tradições para as Américas.

Ademais, nos recorda a Patrícia de Santana Pinho (2004, p.28) o seguinte:

Os movimentos sociais negros marcaram presença na história das Américas, permeando todo o século XX com fortes manifestações dos descendentes de africanos. Na primeira década de 1900, o Pan-Africanismo começou a se organizar, primeiramente na Europa e depois em várias partes da América, reivindicando a unificação do continente africano e a aliança concreta e progressista com uma diáspora unida.

Observando o argumento da autora acima, é possível afirmar que os movimentos sociais negros, sobretudo nas Américas, tiveram e têm um papel muito fundamental. Por exemplo, o movimento Pan-Africanismo, surgido no século XX, teve como objetivo combater o colonialismo, lutar contra o sistema opressor e buscar a independência dos países africanos. Foi a partir dos anos sessenta que a maioria destes países conquistou sua independência.

Em função dos elementos destacados, Pinho (2004, p.29) assevera que “na década de 1930, o movimento da Negritude ganhava adeptos na Europa, África e Américas. [...] a Negritude pregava o resgate dos valores da civilização africana, recuperando a memória africana para trazer orgulho aos negros na Europa e Américas. [...]”. Tendo em vista esses aspectos, é importante frisar que o movimento da Negritude teve e tem desempenhado um excelente trabalho voltado à valorização da cultura negra africana e afro-diaspórica. Da mesma forma, a saber, no Brasil, os movimentos culturais e sociais, tais como a Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro, lutavam/lutam pela valorização da cultura popular negra e afro-brasileira.

No Brasil, após a independência, era/é comum ouvir os discursos racistas herdados dos colonizadores brancos europeus contra a população negra e indígena. Ou seja, verifica-se aquilo que o intelectual brasileiro Sílvio Almeida, intitula de racismo estrutural e que se manifesta ora através do racismo científico, ora por meio do mito da democracia racial brasileira.

Enquanto na África do Sul e nos Estados Unidos, que, com as devidas distinções, estruturavam juridicamente a segregação da população negra, mesmo no avançar do século XX – no caso da África do Sul, até 1994 –, no Brasil, a ideologia do racismo científico foi substituída a partir dos anos 1930 pela ideologia da democracia racial, que consiste em afirmar a miscigenação como uma das características básicas da identidade nacional, como algo moralmente aceito em todos os níveis da sociedade,

inclusive pela classe dominante. Assim, ao contrário de países como os Estados Unidos, nunca se instalara no Brasil uma dinâmica de conflitos baseados na raça (Almeida, 2019, p.109).

É possível observar e reafirmar que com a chegada do então presidente da República do Brasil, Getúlio Vargas, em 03 de novembro de 1930 a 29 de outubro de 1945, a ideologia da democracia racial ganhou mais força em todo o país. Acerca desse processo Almeida (2019, p.109-110) afirma que:

O que se pode notar é que a ideologia da democracia racial se instalou de maneira muito forte no imaginário social brasileiro, de tal modo a ser incorporada como um dos aspectos centrais da interpretação do Brasil, das mais diversas formas e pelas mais distintas correntes políticas, tanto à “direita” como à “esquerda”. [...] a democracia racial não se refere apenas a questões de ordem moral. Trata-se de um esquema muito mais complexo, que envolve a reorganização de estratégias de dominação política, econômica e racial adaptadas a circunstâncias históricas específicas.

Analisando o argumento apresentado pelo Sílvio Almeida, compreende-se o que estava por trás dessa narrativa da miscigenação ou da democracia racial no Brasil. Tratou-se de uma das estratégias utilizadas pela classe dominante branca e detentora do poder no país para continuar dominando em toda esfera da sociedade e excluindo os negros, afro-brasileiros e indígenas do sistema político, econômico e social. Em outras palavras, descreve Almeida (2019, p.110) que “[...] o surgimento do discurso da democracia racial, que ainda hoje é tido como um elemento da identidade brasileira, coincide com o início do projeto de adaptação da sociedade e do Estado brasileiro ao capitalismo industrial ocorrido nos anos 1930.”

Nesse período histórico vivido no Brasil, por exemplo, a partir do século XX, o Estado Brasileiro buscava símbolos nacionalistas. Foi nessa ocasião que a capoeira passou a ser vista, aceita e reconhecida pelo Estado como uma manifestação cultural brasileira, ou seja, como um esporte ou luta nacional. Em outras palavras, a capoeira deixou de ser considerada crime durante o mandato do então presidente da República, Getúlio Vargas. Vale recordar que, anteriormente, não existia o nome “Capoeira Angola” assim como a “Luta Regional Baiana” que mais tarde passa a ser chamada de “Capoeira Regional”, criada por Manoel dos Reis Machado, conhecido no mundo da capoeira por Mestre Bimba, mas existia apenas a capoeira.

É possível lembrar que, a Capoeira Angola, até antes do começo dos anos de 1980, teve pouca aderência dos praticantes. Só a partir da década de 1980 que a Capoeira Angola ganhou mais visibilidade social, tornando-se praticada não só no Brasil, mas também pelo mundo afora. A esse respeito, Castro Júnior (2004, p.2) afirma:

Portanto, nos anos 80, já estava em andamento na cidade do Salvador um processo cultural de grande vitalidade, tendo como principal mola propulsora a cultura popular de procedência afro-baiana, que nos dias de hoje tem sido capaz de transformar Salvador num centro cultural de referência internacional. Neste cenário, a capoeira assim como o candomblé, a música e a dança afro se constituíram em atividades de “ponta”, e nele (cenário) a Academia de João Pequeno tem um papel de grande importância em diversos aspectos.

É importante referenciar a figura de Mestre João Pequeno de Pastinha, discípulo de Mestre Pastinha e um dos continuadores da obra de Mestre Pastinha, dando continuidade ao Centro Esportivo de Capoeira Angola e agregando ao nome a denominação Academia de João Pequeno de Pastinha, na capital do Estado da Bahia, Salvador.

A década de 1980 ficou registrada em Salvador, Bahia, ou seja, no Brasil, como um período importante no que se refere à valorização e popularização da cultura popular afro-brasileira. A capoeira, assim como as religiões de matriz africana, estão presentes até os dias atuais devido às lutas e pressões dos movimentos sociais negros que reivindicam respeito e valorização de suas culturas. Nesse contexto, podemos observar nos dias atuais que existem vários tipos de capoeira, entre mais conhecidas, destacam-se a Capoeira Angola, Capoeira Regional e a Capoeira Contemporânea e praticadas em diferentes estados brasileiros, assim como no exterior. Em função dos elementos destacados, consoante Mestre Augusto e Mestre Roxinho (2023)⁹ argumentam na palestra realizada no auditório do Campus dos Malês, atualmente existem vários tipos de capoeira (informação verbal).

Outrossim, é importante reconhecer que após a Capoeira Angola começar a ganhar mais popularidade e, conseqüentemente, com surgimento de novas academias, houve algumas mudanças feitas na capoeira em geral. Nesse sentido:

Nos anos 60 e 70, os movimentos de folclorização e esportivização da capoeira, apesar de contribuírem moderadamente para a afirmação social e expansão desta manifestação, alteraram, com prejuízos, a ritualidade da capoeira incorporando elementos alienígenas, com objetivo de atender o mercado turístico de interesses exclusivamente exóticos da cultura afro-baiana (Castro Júnior, 2004, p.2).

É de realçar que, quando surgiu a capoeira no Brasil, era marginalizada assim como proibida pelo Estado brasileiro. No entanto, graças à persistência dos capoeiristas do passado ela permanece até nos dias atuais. A folclorização é um:

⁹ Palestra ministrada por Mestre Augusto e Mestre Roxinho, no auditório da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, São Francisco do Conde, Bahia, no dia 26 de janeiro de 2023, vieram ao convite da professora Elizia Cristina Ferreira da mesma universidade e em parceria com o grupo de estudos “AnDanças” coordenada pela mesma professora.”

[...] processo de modificações da capoeira para atender o truismo. Uma transformação bem aparente dos códigos simbólicos. A roda de capoeira passa ser um local de espetáculo de exibicionismo incorporando também elementos do samba de roda, puxada de rede e danças dos orixás durante os shows folclóricos. A esportivização da capoeira está relacionada à transformação da capoeira enquanto fenômeno esportivo com regras rígidas, premiações e disputas pelo título de campeão. Neste mesmo período o esporte de maneira geral era utilizado como formas de livrar a juventude de idéias que o governo consideravam subversivos na época (Castro Júnior, 2004, p.2).

A folclorização na capoeira é conjunto de mudanças e práticas que acontecem dentro da capoeira. Enquanto que a esportivização é uma prática esportiva que incorpora as regras bem estabelecidas. Ademais, segundo Oliveira (2015, p.263) argumenta:

Apesar de todo estigma social, do imaginário negativo e da perseguição que sofreu, a capoeira manteve-se como uma expressão cultural negro-africana e traz em seu bojo uma filosofia forjada na dinâmica civilizatória dos africanos e criativamente reelaborada em terras canarinhas. [...] (a capoeira) fez da arte da mandinga o seu principal instrumento de resistência [...].

Analisando o trecho acima citado, nota-se claramente que os capoeiristas do final do século XIX até a década de 1930 foram alvos de espancamentos policiais, detenções arbitrárias, perseguições, racismo e preconceito. No entanto, mesmo diante dessas adversidades, a maioria deles não desistiu da capoeira naquela época. Por outro lado, segundo Abib (2013, p.5):

Assim como aconteceu com toda manifestação de origem africana - dos quais destacamos os cultos religiosos e a capoeira - o samba também sofreu uma perseguição violenta pelo Estado Republicano que começava a se formar em fins do século XIX e início do XX, buscando a todo custo apagar as marcas de uma ancestralidade africana que não podia se fazer presente nesse novo cenário social, que se estruturava (ou pelo menos tentava se estruturar) nos moldes culturais europeus.

Compreende-se a partir do trecho acima citado que todas as manifestações culturais negras (candomblé, samba e capoeira) que nasceram no Brasil durante o período da escravidão, cujas origens vieram da África, foram proibidas e perseguidas pelo Estado brasileiro. Sobre esta perseguição em relação ao samba Abib afirma que:

Há relatos de antigos sambistas afirmando que bastava estarem com um pandeiro na mão ou um violão às costas, que era motivo suficiente para que a polícia os tratasse com extrema violência, onde não raro sofriam agressões com cassetetes, apreensão ou até mesmo destruição dos instrumentos que portavam e muitas vezes chegando a serem detidos, sob a acusação de vadiagem, crime previsto no Código Penal (op. cit., p.5-6).

É importante reconhecer a luta desses primeiros sambistas e capoeiristas pela coragem que tiveram em defesa da cultura popular negra afro-brasileira. Sem eles, talvez a cultura afro-brasileira não existisse até hoje no país. Em outras palavras, conforme disse Mestre Pastinha (1988, p.18), sobre as mudanças que se verificavam nos modos como a capoeira era reconhecida socialmente na segunda metade do século XX, que se sentia feliz ao ver a Capoeira Angola “praticada por todas as camadas sociais, goza da proteção e prestígio das autoridades por ser uma das mais autênticas manifestações do folclore nacional”.

Ao examinarmos as palavras de Mestre Pastinha, podemos perceber que ele afirma que, a Capoeira Angola era praticada por todas as camadas sociais devido à "proteção e prestígio das autoridades". No entanto, se observarmos o contexto atual, podemos ver que, apesar de a capoeira ter sido reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2008, como Patrimônio Cultural do Brasil e semelhantemente, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2014, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, ainda existe muito a caminhar para que esse reconhecimento se traduza em mudanças práticas na vida de mestres e mestras de capoeira e no modo como a capoeira é socialmente reconhecida.

3 CAPOEIRA ANGOLA E EDUCAÇÃO: UM SABER SOBRE ENSINAR E APRENDER

3.1 O CARÁTER EDUCACIONAL DA ORALIDADE E ANCESTRALIDADE NA CAPOEIRA ANGOLA

A Capoeira Angola se constitui em um saber pedagógico que tem sido manifesto de várias formas. Em outras palavras, na Capoeira Angola, o processo de aprendizagem acontece por meio da oralidade, na qual o mestre transmite todos os saberes que ele acumula para o seu aluno. Por sua vez, diz Mestre Pastinha (1988) que a capoeira só se aprende com a prática e “sob orientação” de um professor mestre e competente. Do mesmo modo, disse Mestre Moraes¹⁰ (2022, s.p.) que “a Capoeira Angola, ninguém aprende de imediato, é conviver com ela, estar ao lado dela, aí você aprende, você só aprende a Capoeira Angola dessa forma [...]”.

¹⁰ Depoimento de Mestre Moraes durante o encontro de reflexão realizado no Quilombo N'ganga, na Ilha de Maré, em Salvador, Bahia, em 2022, que contou com participação de vários capoeiristas de diferentes estados do Brasil e também de fora do país. Publicado pelo canal Pedro Trindade, em 21 fev. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/2CdP>.

A roda da capoeira é um lugar de aprendizado que envolve o mestre, seu discípulo e a comunidade ali presentes, e no qual o processo de aprendizagem ocorre por meio da oralidade. Os alunos aprendem a respeitar seus mestres e os mais velhos da comunidade. Dessa forma, ocorre na roda de capoeira algo semelhante ao que se verifica na roda de samba, conforme assinalado por Abib (2013, p.14):

Nesse espaço de sociabilidade proporcionado pelo samba, as pessoas se encontram, trocam experiências, paqueras, olhares e beijos, mas também discutem política, economia, arte e cultura. Percebem-se enquanto sujeitos, construindo alternativas de participação, socialização, transformação e criação cultural em meio a uma tendência global homogeneizante e pasteurizada por uma indústria cultural que alimenta uma produção pobre e desprovida de alma, de inspiração, de poesia.

O processo da aprendizagem presente na roda de Capoeira Angola pode, portanto, ser compreendido da seguinte forma:

A roda [da Capoeira] pode ser considerada, [...] como um rito de passagem que se incorporava ao processo de aprendizagem, como seu momento mais rico, aberto às influências e inventividades, quando o aluno, através dos toques e dicas do mestre que acompanhava atento o seu desenvolvimento, dos conselhos de outros camaradas da roda ou por si próprio, ia descobrindo as articulações, truques e manhas do jogo. A partir de então, ele começava a moldar o seu jeito de jogar. E começava a aprender algo mais sobre a vida (Abreu, 1999 *apud* Abib, 2006, p.89).

É possível acreditar com base no argumento apresentado acima, que a roda de capoeira para além de ser um espaço de diversão social, é também considerado um lugar sagrado e de aprendizagem sobre a vida cotidiana. Pedro Abib vai mais longe explicando como decorre o processo de aprendizagem na capoeira:

[...] os modelos de aprendizagem, [são] baseados na transmissão oral da memória coletiva de um grupo social, função exercida pelos mais velhos que são os responsáveis por disponibilizar os saberes e as tradições daquele grupo social aos mais jovens. Através do reconhecimento sobre sua sabedoria e sua função social de guardiões das tradições, a comunidade atribui a eles o título de mestres” (Abib, 2006, p.87).

Analisando o argumento exposto acima pelo autor é possível compreender que o processo de aprendizagem na capoeira dá-se por meio da oralidade, ou seja, através da transmissão oral da memória coletiva da comunidade. Por exemplo, cabe aos mais velhos da comunidade a responsabilidade de transmitirem esses saberes acumulados para a nova geração. Por sua vez, na mesma ocasião, lembrou Mestre Moraes (2022, s.p.) que “[...] a roda de capoeira é um espaço de repensar a vida, repensar tudo que acontece fora dela, [...]”. Realmente,

refletindo sobre a fala de Mestre Moraes acima citada, compreende-se que a roda da capoeira é entendida como um espaço de aprendizagem social.

Ainda sobre os processos de aprendizagem relacionados à roda de capoeira, Machado e Araújo (2015, p.101-102) defendem que:

Na Capoeira Angola o seu processo de Aprendizagem não se limita a momentos de treinamento ou de aulas, mas passa pela inserção e o envolvimento dos aprendizes no universo da capoeiragem, o que atualmente acontece principalmente por meio dos grupos de capoeira. Os grupos, por sua vez, reconhecem-se como pertencendo à determinada linhagem, que apontam os mestres das gerações passadas aos quais os ensinamentos, filosofias e formas de trabalho de cada grupo se referem [...].

A Capoeira Angola tem como essência a preservação das memórias coletivas relacionadas à ancestralidade africana e afro-diaspórica. Isso é feito por meio da oralidade, mantendo viva e presente a ancestralidade. Para Castro Júnior (2003, apud Castro Júnior, 2004, p.4) a ancestralidade refere-se:

[...] aos antepassados, aos antecessores, aos que passaram e aos que se encontram presentes. Na roda de capoeira, [...] a relação do capoeirista com seus antepassados é íntima. O morto, o ancestral, está presente tanto no passado como na contemporaneidade. A essência da ancestralidade é uma relação híbrida do “velho” com o novo’, do passado com o presente, do visível com o invisível e do imanente como o presente. O ancestral acaba sendo uma figura importante neste contexto. Existe uma espécie de reconhecimento do seu trabalho que foi realizado no passado: ele é louvado e homenageado nas músicas, nos eventos, nas vestimentas, enfim em todo o espetáculo. [...]

A ancestralidade pode ser entendida como a herança cultural e espiritual relacionada ao conjunto de todos e todas aqueles que vieram antes de nós, mas que não estão mais fisicamente entre nós, ou seja, estão mortos, porém, eles estão junto de nós através da espiritualidade e da memória cultural que nos conecta com eles. Tendo em vista esses aspectos, a roda da capoeira é um espaço considerado sagrado para os capoeiristas, pois ela é um momento da conexão entre o corpo, ancestralidade e a espiritualidade. A roda da capoeira é um espaço mítico que conecta passado, presente e futuro. Dessa forma, segundo Machado e Araújo (2015, p.110) explicam:

O que mantém o grupo/comunidade conectado à ancestralidade é a repetição, frequente, do ritual. Ele faz a ligação entre a ancestralidade e a comunidade, por meio da oralidade, passando pelo corpo, que possibilita transmitir a Força Vital e integrar passado, presente e futuro, em uma temporalidade circular. A ritualidade cuida por manter a forma “tradicional” da realização dos rituais e, ao mesmo tempo, por recriar, atualizando, materializando essa tradição no ‘aqui e agora’. comunidade faz a ligação entre a pequena e a grande roda – aprender os fundamentos do ritual (sobre ancestralidade) para agir no mundo, [...]

É importante destacar que o ritual é um dos elementos que mantém a roda da capoeira viva, pois agrega os valores civilizatórios que se fundamentam em ancestralidade e na ideia da memória coletiva da comunidade. Nesta ritualidade vale destacar o protagonismo do tocador do berimbau gunga, ou seja, “na roda de capoeira quem comanda a ginga é o toque do Gunga (também conhecido como *Gungo*)” (Oliveira, 2015, p.262, grifo nosso).

3.2 MUSICALIDADE E EDUCAÇÃO NO JOGO DA CAPOEIRA

Na Capoeira Angola, os principais instrumentos musicais utilizados na roda são: atabaque, agogô, berimbaus (gunga, médio e viola), reco-reco e pandeiro. É de ressaltar que o jogo da capoeira se inicia ao pé do berimbau, pois a pessoa que toca o berimbau gunga é quem conduz a roda. O berimbau é um dos principais instrumentos musicais de uma roda de Capoeira Angola e é inseparável da roda. Desse modo, o tocador de berimbau gunga é a pessoa responsável por conduzir a roda e o ritmo de jogo.

Em função dos elementos destacados, Assunção (2012, s.p.) descreve o seguinte:

[...] O berimbau é sempre considerado a « alma » da capoeira, ao ponto que para muitos capoeiristas, não pode existir capoeira sem berimbau. Mas o atabaque também é e era muito usado, e as vezes sem berimbau. [...] Na verdade não existe tradição monolítica em relação a orquestra da capoeira. É notável que nenhuma das fontes conhecidas do tempo da escravidão associa a capoeira ao berimbau, apesar de arcos musicais figurarem de maneira proeminente na iconografia do Brasil oitocentista. [...]

De maneira geral, ao analisar as cantigas cantadas na capoeira havemos de perceber que elas trazem mensagens que podem ser de tristeza, alegria, perseguição, de gratidão, ou seja, nos fazem recordar daqueles maus momentos de escravidão de povo negro africano. Ou seja, como nos faz lembrar Abib (2006, p.93-94):

As músicas e ladainhas presentes no universo da capoeira são também elementos importantíssimos no processo de transmissão dos saberes, pois é através delas que se cultuam os antepassados, seus feitos heroicos, seus exemplos de conduta, fatos históricos e lugares importantes para o imaginário dos capoeiras, o passado de dor e sofrimento dos tempos da escravidão, as estratégias e astúcias presentes nesse universo, assim como também as mensagens.

Inquestionavelmente, ao analisarmos atentamente o argumento exposto acima por Abib, é possível observar, imperativamente, a presença da musicalidade na capoeira como uma das formas de transmissão de saberes. A música desempenha um papel fundamental na roda de capoeira. Para exemplificar, o jogo de capoeira normalmente inicia-se com toques de

instrumentos musicais, em seguida há a entoação de cantigas que muitas vezes versam sobre a realidade social vivida pelos negros durante a época da escravidão e da colonização.

3.3 A CENTRALIDADE DA FIGURA DO MESTRE E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DO SABER

Segundo Mestre Augusto (2023), na palestra realizada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, que teve participação de Mestre Roxinho, não existe a questão do inimigo dentro da roda, mas o que prevalece no jogo da Capoeira Angola é a noção de parceria em que ambas as pessoas que jogam, que brincam e se desafiam mutuamente.

Na Capoeira Angola, assinalou Mestre Moraes (2022):

O capoeirista ele passa a ser um capoeirista depois que ele consegue absorver essa subjacência da capoeira, enquanto ele não absorve essa subjacência, ele é um jogador de capoeira [, ou seja], ele é um praticante de capoeira. Mas para ele ser capoeirista, ele precisa ter a condição de jogar capoeira dentro e fora da roda, dentro da roda, no micromundo fora da roda, no mundo macro, no mundo macro os desafios são vários desafios até que você às vezes nunca encontrou nesse mundo micro jogando capoeira com outro e que você precisa articular os conhecimentos né, essa relação simbólica os, simbolismo do micromundo para se utilizar no mundo macro [...].

Decerto, na Capoeira Angola, para ser considerado um mestre ou mestra da capoeira, é necessário que a pessoa tenha domínio dos fundamentos da capoeira: movimentação, musicalidade e ritualidade. Conforme ressalta Abib, “os mestres exercem um papel central na preservação e transmissão dos saberes que organizam a vida social no âmbito da cultura popular, caracterizando, assim, a oralidade como forma privilegiada dessa transmissão” (2006, p.91). Ao observar o trecho citado, percebe-se que, geralmente, os mestres e mestras de capoeira são pessoas respeitadas dentro das suas comunidades em razão do trabalho que realizam.

Persistindo na mesma linha de raciocínio, argumenta Mestre Pastinha (1988, p.25) que:

O capoeirista deve ter em mente que a Capoeira não visa, exclusivamente, preparar o indivíduo para o ataque ou defesa contra uma agressão, mas, desenvolver, ainda, por meio de exercícios físicos e mentais um verdadeiro estado de equilíbrio psico-físico, fazendo do capoeirista um autêntico desportista, um homem que sabe dominar-se antes de dominar o adversário.

Outrossim, por exemplo, é importante que o mestre da capoeira conheça o tempo certo de cortar a biriba na mata, que é considerado o melhor e mais apropriado para fabricar o

berimbau, ou seja, como explica o Mestre João Pequeno de Pastinha, em depoimento que concedeu no documentário *O Velho Capoeirista: Mestre João Pequeno de Pastinha*¹¹, que o melhor tempo de cortar a biriba na mata, é no período de “escuro”, isto é, três dias depois da lua cheia (Abib, 2022).

A partir desse panorama, seria injusto não destacar as figuras importantes da Capoeira Angola, que são: Mestre João Pequeno de Pastinha, Mestre João Grande e Mestre Curió, entre outros. Todos esses mestres mencionados foram alunos de Mestre Pastinha e deram continuidade ao trabalho iniciado por ele na Capoeira Angola. Atualmente, eles são grandes referências da Capoeira Angola e são respeitados na comunidade capoeirística por seus trabalhos. Exemplo disso, afirma Castro Júnior (2004, p.5) o seguinte:

Com o trabalho desenvolvido pelo Mestre João Pequeno, o CCP [Centro de Cultura Popular] passou a ser conhecido nacional e internacionalmente, tornando-se uma referência importantíssima, neste processo de difusão da arte capoeira Angola que constantemente vinham pessoas de outros Estados brasileiros e de outros países interessados em aprender a complexidade da capoeira.

Em função dos elementos destacados, Abib (2017, p. 96) define o conceito do mestre de seguinte forma:

[...] O mestre é aquele que é reconhecido por sua comunidade, como o detentor de um saber que encarna as lutas e sofrimentos, alegrias e celebrações, derrotas e vitórias, orgulho e heroísmo das gerações passadas, e tem a missão quase religiosa, de disponibilizar esse saber àqueles que a ele recorrem. O mestre corporifica, assim, a ancestralidade e a história de seu povo e assume por essa razão, a função do poeta que, através do seu canto, é capaz de restituir esse passado como força instauradora que irrompe para dignificar o presente, e conduzir a ação construtiva do futuro.

Percebe-se do exposto acima que a comunidade desempenha um papel muito importante no que toca ao reconhecimento de uma pessoa com o título do mestre. Ademais, um dos elementos importantes na Capoeira Angola é que o aprendiz aprenda a respeitar seu mestre e aos mais velhos da comunidade.

O mestre de capoeira é um indivíduo que se preocupa em compartilhar seus conhecimentos com os seus discípulos, tal como, enfatizou Mestre Moraes (2022) “[...] o mestre de capoeira ele não tem direito de boicotar esse conhecimento de você, [aluno] né, [mas] ele tem a obrigação de compartilhar com você as formas de jogar no mundo micro e [...] no mundo macro”. Tendo em vista esses aspectos, a roda de capoeira pode ser entendida como um espaço

¹¹ Mestre João Pequeno foi um dos alunos mais destacados de Mestre Pastinha na Capoeira Angola. Infelizmente, ele faleceu em 2011.

de aprendizagem social e filosófica, onde são transmitidos saberes populares que também abrangem conhecimentos civilizatórios e filosóficos, passados de mestre para discípulo. Nesse contexto, a roda de capoeira pode ser compreendida como um campo amplo de conhecimento que engloba questões sociais, econômicas, políticas e culturais de uma determinada comunidade, local ou país. Além disso, aprender sobre esse contexto macro se relaciona com uma educação para cidadania que enfatiza o aspecto filosófico da capoeira.

4 CAPOEIRA ANGOLA COMO FILOSOFIA DE VIDA

É possível encontrar na maioria das vezes, sobretudo os capoeiristas do passado e assim como alguns da atualidade, preocupados em aprender a “*mandinga*” na capoeira. E segundo Abib (2017), ao analisar os depoimentos dos velhos mestres da Capoeira da Angola, a *mandinga* sempre foi tida como elemento principal, ou seja, fundamental da capoeira.

Mestre Augusto (2023) afirma em seu depoimento que a “*mandinga*” na capoeira é arte de [iludir] o camarada durante o jogo (informação verbal). Na perspectiva de Abib (2017), o capoeirista mandingueiro é aquele que permanece atento, aguardando o momento oportuno para aplicar seu “golpe”, aproveitando-se do descuido do seu camarada. Sem dúvida, ao observarmos os argumentos apresentados por essas duas referências da Capoeira Angola, nota-se que há uma presença muito forte da *mandinga* na Capoeira Angola.

Assim, dizia o Mestre Pastinha aos seus discípulos, conforme citado por Machado e Araújo (2015, p.106), que a “Capoeira Angola é *mandinga* de escravo em ânsia de liberdade. Seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”. Realmente, bom capoeirista é aquele que cultiva o autoconhecimento e a proteção espiritual. Além disso, a *mandinga* é o nome de um grupo étnico localizado na região de África Ocidental, nomeadamente na Guiné-Bissau, Gambia e Mali.

A *mandinga* na Capoeira Angola, portanto, pode ser entendida como um conjunto de conhecimentos, técnicas, movimentos de distração, gingas, fintas e habilidades que um capoeirista aprende ao longo de vários anos da sua trajetória na capoeira. Isso ocorre quando ele joga com seu oponente (camarada) e utiliza essas técnicas para enganá-lo e, consequentemente, golpeá-lo. Dessa forma, Mestre Eletricista, disse no depoimento transcrito por Abib (2017, p.195), que “a *mandinga* não se ensina...*mandinga* você aprende”. Em outras palavras, a *mandinga* é uma estratégia que um capoeirista experiente utiliza para se adaptar ao ritmo do jogo. E de acordo com Dias (2006, apud Machado; Araújo, 2015, p.110-111):

Originalmente, a palavra mandinga, ou melhor, mandingo [...] designava um povo africano islamizado oriundo da África Ocidental. Famosos, segundo Bastide, por serem grandes feiticeiros e mágicos. Não foi à toa que o termo mandinga acabou se popularizando como sinônimo de feitiço. No tempo da escravidão, mandinga ou feitiço eram as práticas mágicas dos escravos, em especial os preparos de ervas e venenos usados pelos negros para matar seus senhores. (...) Na capoeira, além de ser um jogo de malícia, de trucagem, considerada uma das armas mais forte do capoeirista, é também a magia do capoeira que tem o corpo fechado, que faz reza forte, e traz a proteção dos orixás. Fora isso, a mandinga ainda tem uma função estética, ela embeleza o jogo da Capoeira, aparece como uma representação teatral. É a malemolência do corpo do jogador que ao som do berimbau traz leveza à luta, o sorriso traiçoeiro, o golpe não previsto, a brincadeira de capoeira.

Nesse contexto, nos lembra Mestra Janja (2023) que o conceito de mandinga na capoeira pode ter diversos significados, ou seja, não existe uma única interpretação para o termo mandinga (informação verbal).¹²

Tendo em vista esses aspectos, consoante Adriana Albert Dias (2009, p.54) nos esclarece que:

A mandinga é consagrada como uma característica essencial da capoeira. Em Salvador, desde o final do século XIX, a palavra ‘mandinga’ era usada como sinônimo de capoeira. Considerada uma das principais armas de defesa e ataque dos seus praticantes, ela pode ser observada no jeito de corpo do jogador, nas suas expressões faciais, nos golpes aplicados, e pode ser celebrada ou invocada em muitas músicas cantadas nas rodas. Atualmente, o bom capoeira é o indivíduo mandingueiro que sabe disfarçar, enganar o adversário, que ganha o jogo pela esperteza, pela ‘arte da falsidade’, do fingimento.

Analisando o trecho citado, compreende-se claramente que o conceito da mandinga na capoeira não é algo novo. É comum vermos capoeiristas que se preocupam em saber lidar com a mandinga, a espiritualidade e a auto-proteção. Em outras palavras, ser mandingueiro na capoeira significa possuir poderes mágicos, enquanto a espiritualidade e a proteção são formas de o capoeirista se proteger do oponente e até mesmo do inimigo, ou seja, do opressor. Para exemplificar, segundo Dias (2009, p.54), eles muitas vezes “[...] trazem pendurados no pescoço patuás ou talismãs, chamados, no período colonial, de ‘bolsas de mandinga’ ou simplesmente ‘mandinga’ – que em certos contextos significava feitiçaria. [...]”

Nesse contexto, ser mandingueiro ou mandingueira na Capoeira Angola, é um dos principais atributos de um bom capoeirista. “A mandinga é um dos elementos que diferenciam as características da capoeira angola e regional, [...]” (Abib, 2017, p.195). Esta diferenciação se verifica na medida em que, segundo Abib:

¹² No dia 12 de setembro de 2023, foi realizada uma palestra pela Mestra Janja, através da plataforma Google Meet. O tema abordado foi "Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora". Ela deu a palestra ao convite do Projeto Capoeira.

A capoeira regional, [...] tem se distanciado cada vez mais dos elementos mítico-religiosos presentes na tradição africana, salvo algumas exceções, e isso acaba determinando uma estética de jogo e um sistema simbólico próprios, que privilegiam na capoeira regional, muito mais a objetividade do que a subjetividade, a técnica do que a malícia, o confronto direto do que a dissimulação, características estas, que diferentemente daquelas, se aproximam mais daquilo que é conhecido como a mandinga da capoeira angola” (Abib, 2017, p.195).

É importante deixar bem claro que o objetivo deste artigo não é fazer um estudo comparativo entre a Capoeira Angola e Regional, nem fazer julgamentos de valor sobre ambas. No entanto, é importante esclarecer e conhecer as diferenças entre a Capoeira Angola e a Capoeira Regional. No documentário “Pastinha uma vida pela capoeira”, o Mestre Pastinha disse que “a capoeira é mandinga, é manha, é malícia, é tudo que a boca come”. Por certo, Mestre Pastinha tinha compreendido que a capoeira não se limitava apenas a um ato de luta, dança e cântico. Diz Mestre Curió, no seu depoimento no mesmo documentário, que Mestre Pastinha chamava atenção aos seus alunos [Mestre João Pequeno, Mestre João Grande e Mestre Curió, etc.,] que a capoeira não é “**violência**”, porém ela é arte, “dança, mandinga, malícia, filosofia, educação, cultura e tudo que a boca come” (Muricy, 2018).

Apreciando o argumento apresentado pelo mestre citado, é possível compreender que essa tese, defendida por Mestre Pastinha, visa desconstruir o preconceito que existia em torno da capoeira, anteriormente considerada como uma prática de violência e desordem social cometida por negros.

Pensar a Capoeira Angola como um modo de vida fundamentado na ancestralidade, conforme afirmado por Machado e Araújo (2015) implica, portanto, em conceber que a essência da Capoeira Angola baseia-se em modo de ensinar as pessoas a viver na comunidade e preservar a ancestralidade. Nesse processo a Mestre Pastinha foi de extrema importância para a cultura popular e para o reconhecimento e a valorização da Capoeira Angola, pois ele buscou sempre manter a essência da Capoeira Angola, isto é, a ancestralidade, espiritualidade, mantendo as tradições africanas e afro-brasileiras dentro da Capoeira Angola. Na sua Academia, em Salvador, aprenderam muitos mestres, entre os mais conhecidos são: Mestre João Pequeno, Mestre João Grande e Mestre Curió, etc. todos esses mestres citados, atualmente, são reconhecidos e grandes referências de Capoeira Angola e respeitados pelos seus brilhantes trabalhos.

Nesse contexto, mantendo a mesma linha de raciocínio, sem dúvida, a Academia de Mestre Pastinha, situada no Pelourinho, em Salvador, Bahia, foi uma das maiores referências no ensino e na prática da Capoeira Angola (Abib, 2017). Mas também, vale recordar que antigamente, a capoeira se aprendia nas ruas. Em conformidade com Mestre João Pequeno,

entrevistado por seu discípulo, Pedro Rodolpho Jungers Abib (2006), confirmou que anteriormente, a capoeira se aprendia na rua. Por sua vez, a forma de aprendizagem na capoeira é diferente com a escola formal. Ou seja, “Naquele tempo, a capoeira se aprendia ‘de oitiva’, [...] A oitiva constitui-se como um claro exemplo de como se dá a transmissão através da oralidade na capoeira, baseada na experiência e na observação” (Abib, 2006, p.88).

Nesse sentido, analisando o trecho citado anteriormente por Pedro Abib, sobre o processo de aprendizagem na capoeira, compreende-se que a forma de transmitir esses saberes dão-se por meio da oralidade e na observância do discípulo para o mestre, semelhantemente como acontecem nas tradições africanas. Assim sendo:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança não se perdeu e reside na memória viva da África (Hampaté Bâ, 2010, p.167).

Observando o argumento exposto por Hampaté Bâ, é possível reconhecer que ainda persiste dentro da sociedade africana, uma certa tradição oral predominantemente muito forte. Em outras palavras, os mais velhos têm a responsabilidade de transmitir aos mais novos os conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas. Aprender a Capoeira Angola não é algo imediato, ou seja, de curto prazo. É necessário conviver frequentemente com ela, estar nela envolvido, só assim você aprende. Só dessa forma que é possível aprender a jogar a Capoeira Angola, afirmou Mestre Moraes (2022).

Na Capoeira Angola, os capoeiristas iniciam a roda pedindo a licença aos mais velhos e aos ancestrais. Por outro lado, na capoeira angola, é de suma importância que o capoeirista precisa conhecer a questão da ritualidade, o tempo, a ancestralidade e a oralidade, dentro da capoeira, (Abib, 2023, informação verbal). Para o Mestre Augusto (2023), não há restrição de idade para aprender a capoeira. Desse modo, qualquer pessoa, independentemente da sua idade ou faixa etária (adolescentes, jovens e adultos), pode aprender a jogar capoeira, desde que tenha o interesse e se dedique ao aprendizado da arte. Para exemplificar, a questão de não há restrição em aprender ou praticar a capoeira, temos como exemplo, o nosso saudoso Mestre Pastinha, aos seus 92 anos, dizia, “eu ainda estou aprendendo capoeira...” (Abib, 2017, p.187).

Não apenas, é possível afirmar que a Capoeira Angola é uma filosofia de vida que nos ensina uma forma de viver no mundo de uma maneira coletiva, mas também a ter respeito aos mais velhos da comunidade. Ela é um espaço social de acolhimento, que não só limita em fazer

os exercícios físicos da capoeira, se afirmando também como um lugar de refletir, conectando passado, presente e o futuro na ritualidade da roda de capoeira. Sobre este conteúdo filosófico da Capoeira Angola, Machado e Araújo (2015, p.99) declaram que:

A Capoeira Angola, uma das mais importantes tradições culturais de matriz africana no Brasil, configura-se, atualmente, como uma filosofia de vida, uma forma de ver o mundo, que se atualiza e se insere no jogo político, na luta por reconhecimento. Os movimentos da capoeira nos permitem obter e criar visões de mundo dos mais diversos ângulos e posições.

Na Capoeira Angola, é inseparável a noção do corpo e da espiritualidade filosófica, pois são esses elementos que mantêm a capoeira viva. “O corpo é aqui compreendido como lugar **sagrado**, expressão materializada do nosso Ser, que deve, portanto, ser cuidado, autonomamente, por cada um de nós” (Machado; Araújo, 2015, p.100, grifo nosso). É importante ressaltar que, embora a Capoeira Angola seja compreendida como uma filosofia de vida ou uma forma de pensar o mundo, para algumas pessoas que não têm um contato com a Capoeira Angola, ela é observada não como uma filosofia, mas como um esporte.

Ainda sobre as propriedades filosóficas da capoeira Oliveira (2015, p.253) afirma que:

[...] Paradoxalmente, a abordagem filosófica da capoeira é escasse, (*sic*) praticamente inexistente, o que contraste com as lições orais dos mestres e mestras de capoeira que frequentemente afirmam uma ‘filosofia da capoeira’. Uma filosofia de vida e uma filosofia singular da arte de africanos libertos e escravizados que se revela como jogo de corpo, nas rodas de dentro e de fora da Capoeira Angola, mas que não mereceram da reflexão filosófica acadêmica a menor atenção nesses séculos de existência. [...]

Ao examinar o trecho citado, percebe-se que há uma escassez enorme de referências bibliográficas sobre Capoeira Angola enquanto uma filosofia de vida. Uma filosofia de vida relacionada à resistência às opressões. Para ilustrar, a Capoeira Angola pode ser entendida como um movimento social de luta pela liberdade. Assim sendo:

A capoeira aqui é entendida desde sua história de liberdade, já que a entendo como um Jogo de liberdade desde sua materialização na roda de dentro, até sua atualização na roda de fora. Liberdade é o signo constitutivo da capoeira, uma vez que é a arte de escravizados em contexto de resistência e de produção de outros regimes éticos possíveis (Oliveira, 2015, p. 254).

Apreciando atentamente o argumento exposto acima por Oliveira, é possível perceber e compreender que a capoeira surgiu como uma das estratégias utilizadas pelos negros africanos escravizados no Brasil e pelos afro-brasileiros para se defenderem. Através da capoeira, eles

conseguiram combater a escravidão e as opressões que limitavam suas liberdades. Outrossim, é importante destacar que:

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas (Ministério da Educação, 2004, p.11).

Analisando o argumento exposto acima, compreende-se que a criação da Lei 10.639/2003 surgiu justamente devido à luta do movimento negro, que exigia do Estado brasileiro o reconhecimento e a valorização da cultura negra e afro-brasileira. Outrossim, a Capoeira Angola, manifestação cultural parte da cultura afro-brasileira que deve estar obrigatoriamente presente nos currículos escolares, nos ensina uma forma de conviver com o outro. A filosofia da capoeira valoriza a luta como forma de expressão e de defesa pessoal, mas também enfatiza a importância de viver em comunitarismo e viver de forma harmoniosa com os outros.

Ademais, “[...] A Capoeira Angola, neste contexto, é assumida como território produtor de conhecimento que congrega os sentidos explorados na contemporaneidade. É um antigo jogo de corpo que já adiantava os dobramentos do pensamento contemporâneo” (Oliveira, 2015, p.254). A Capoeira Angola, com certeza, é um espaço de aprendizagem e produção de conhecimento popular.

A Capoeira Angola é uma filosofia que ensina um modo de pensar a vida comunitária. Ela pode ser entendida como um saber constituído por um conjunto de valores civilizatórios que agregam as questões de ancestralidade, comunitarismo e é pautado pela preservação da memória coletiva, da oralidade e da cultura popular, uma vez que foi consolidado através da diáspora negra da população africana escravizada no Brasil. Segundo Passos (2019, p.78-79) “modos de vida são composições filosóficas baseadas em traduções constantes de princípios da ancestralidade africana que alimentam e fundamentam as práticas religiosas e sociais das pessoas que reeducam nesses lugares de saberes e de imprescindível convivência.”

Examinando atentamente o argumento apresentado acima pelo autor, é possível entender que modos de vida estimulados pela cultura afro-brasileira é uma filosofia que se baseia na ancestralidade africana e sustenta-se por meio de práticas ritualísticas, na qual os saberes populares são transmitidos.

Por sua vez, na perspectiva de Moreira (2023, p.156):

[...] filosofias afrodiaspóricas [...] não se limitam àquilo que é academicamente reconhecido como exclusivamente filosófico. De fato, para além das experiências de pensamento filosófico desenvolvidos por indivíduos específicos, também são consideradas filosofias afrodiaspóricas as perspectivas filosóficas desenvolvidas de forma coletiva em contextos como os movimentos sociais, culturais, educacionais e/ou artísticos, em espaços de práticas religiosas de matriz africana ou com intensa presença negra etc.

Com base no argumento exposto por Moreira, é possível observar que as filosofias produzidas pela diáspora africana não se resumem apenas aos conhecimentos produzidos pela ciência ou pela academia, mas incluem conjuntos de saberes produzidos tanto na academia quanto de forma coletiva, por meio dos movimentos sociais, comunidade, rodas de capoeira, etc. O caráter coletivo destes saberes é evidenciado por Machado e Araújo (2015, p.110) quando afirmam que: “[...] a vivência em comunidade representa a forma possível para o movimento de preservação e atualização das tradições e constitui-se como a base para a efetivação dos processos de transmissão de saberes.” Observando o trecho acima citado, percebe-se que a comunidade desempenha um papel importante no que tange à preservação das tradições, assim como dos saberes. Nesse sentido, a filosofia afrodiaspórica abarca diferentes fontes de conhecimento, considerando a diversidade e pluralidade de perspectivas que compõem as culturas afrodescendentes.

Adicionalmente, em concordância com Moreira (2023, p.156), é importante salientar que:

[...] é errado considerar que as filosofias afrodiaspóricas são apenas e exclusivamente uma reflexão ‘de negros, sobre negros, para negros na diáspora’, de modo que suas contribuições seriam supostamente apenas interessantes para um grupo particular e restrito de pessoas. [...] a filosofia afrodiaspórica é imprescindível para uma formação filosófica geral, assim como para a discussão de temas e problemas relevantes à humanidade como um todo.

Analisando o argumento apresentado por Moreira, permite-nos desconstruir e compreender que a filosofia afrodiaspórica não se limita apenas aos conhecimentos produzidos por filósofos negros e afrodiaspóricos, mas inclui qualquer pessoa interessada em debater questões filosóficas e de interesse social a partir das referências epistemológicas dessa tradição de conhecimento.

A comunidade é um espaço de convívio entre as pessoas, de troca de conhecimento, de aprendizado social, de acolhimento mútuo, comunhão e os mais novos são ensinados a ter respeito pelos mais velhos. Quanto à filosofia afrodiaspórica, é uma filosofia que busca problematizar os debates voltados à questão da escravidão dos negros africanos e sua diáspora.

Conforme Abib no seu artigo “Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão,” escrito em 2006, sob o resultado da sua tese de doutorado, defendida em 2004, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), afirma o seguinte:

A capoeira angola, ao buscar constantemente os vínculos com essa ancestralidade africana, e também com a ancestralidade que tem como referência os tempos de escravidão no Brasil e, posteriormente, os tempos remotos da capoeira de rua, das desordens e vadiagens, procura estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política (Abib, 2006, p.96).

Ademais, na Capoeira Angola, a figura do mestre é muito significativa para a comunidade de modo geral e representa um elo de ligação com a ancestralidade. Ao tempo em que ele se apresenta como guardião da memória coletiva, o mestre tem a responsabilidade de passar os conhecimentos para os mais novos por via da oralidade. Por sua vez, esclarece Hampaté Bâ (2010, p.168) que realmente, “[...] nas sociedades orais [...] a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. [...]”. Analisando essa citação, é possível compreender que as sociedades tradições e a memória coletiva desempenham papel fundamental nessas sociedades que tem na oralidade a principal fonte de construção e propagação de conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises mencionadas anteriormente, a Capoeira Angola pode ser compreendida como uma manifestação cultural afro-brasileira que se preocupa em preservar as tradições através da oralidade e da memória coletiva. Ela contribui para a formação de uma identidade. Dessa forma, concluiu-se que a Capoeira Angola, além de ser considerada hegemonicamente como um esporte nacional, é percebida pelos capoeiristas não apenas como um esporte, mas sim como uma filosofia de vida associada à diáspora africana no Brasil. Ela se apresenta também como uma forma de educação cidadã que engloba, por exemplo, um modo de vida em comunidade, o respeito aos mais velhos, entre outros conhecimentos que fundamentam a cultura afro-brasileira.

Por fim, a roda da capoeira pode ser entendida como um espaço que acolhe, ensina, socializa e promove a troca de experiências e saberes populares entre os capoeiristas (mestre e

seus discípulos). Em outras palavras, a roda de capoeira não se limita apenas a ensinar os exercícios físicos e a musicalidade, se apresentando também como um lugar de reflexão que conecta o passado, o presente e o futuro. A ideia do passado é lembrada através das cantigas que são cantadas dentro da roda e da prática ritualística da ancestralidade e na memória coletiva. O presente representa o próprio momento em que a roda está ocorrendo. E o futuro é compreendido como um projeto alternativo de vida em sociedade, mais comprometido com a justiça social.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **O velho capoeirista**: Mestre João Pequeno de Pastinha - Direção Pedro Abib (1999). Publicado pelo canal CapoeiraShop.pt, em 29 de dez. de 2022. Documentário (17 min. 52 seg.). Disponível em: <https://shre.ink/2Cdw> . Acesso em: 18 ago. 2023.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://shre.ink/abOa> . Acesso em: 27 jul. 2023.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2a ed. - Salvador: EDUFBA, 2017.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Roda de Samba: identidade, resistência e aprendizado social. In: Eduardo Conegundes de Sousa. (Org.). **Roda de Samba: identidade, resistência e aprendizado social**. 1ed.São Carlos: EDUFSCAR, 2013, v. 1, p. 107-125.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. O racismo e sua especificidade. In: ALEMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. p.109-112.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira de raiz**: em angola, pistas da arte ancestral. 2008.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Capoeira, arte crioula. **Cultures-Kairós**, s.p. 2012.
- ANDRE, Bruno Amaral. Conhecimentos, Racismos e Pertencimentos: Identificações Diaspóricas. In: ANDRE, Bruno Amaral (org.). **A arte do Jogo nas Escolas**: A capoeira em diferentes espaços educacionais brasileiro. 2016. Tese (Doutorado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016. Cap. 2, p.48-95.
- ARAÚJO, Janja. Mulheres negras e culturas tradicionais: memória e resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 553-565, maio/ago. 2019.
- BRASIL. **Código penal dos estados unidos do Brazil**. 1890. Disponível em: <https://shre.ink/2CWU> . Acesso em: 22 ago. 2023.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. O Centro Esportivo de Capoeira Angola - Academia de João Pequeno de Pastinha no processo de revitalização da Capoeira Angola no período de 1980-1990. Texto integrante dos **Anais** do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO PLENO/DF. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

DIAS, Adriana Albert. A mandinga e a cultura malandra dos capoeiras (Salvador, 1910-1925). **Revista de História**, v.1, n.2, pp. 53-68, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/ndt4> . Acesso em: 16 set. 2023.

FU-KIAU, Bunseki. **III ENCONTRO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA** Fundação Internacional de Capoeira Angola FICA. Salvador, 1997.

HAMPATÉ BA, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. cap. 8, p.167-212.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Referências históricas. In: INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**. Brasília: Iphan, 2014.

MACHADO, Sara Abreu Mata; ARAÚJO, Janja. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 99-112, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://shre.ink/abcv> . Acesso em: 23 jul. 2023.

MESTRE AUGUSTO; MESTRE ROXINHO. **Palestra realizada no auditório da UNILAB**, Campus dos Malês, São Francisco do Conde, em jan. 2023.

MESTRE PASTINHA. **Capoeira angola**. 3.ed. Salvador: Fundação Cultura do Estado da Bahia, 1988.

MOREIRA, Fernando de Sá. Filosofia afrodiáspórica. In: RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex. (Org.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2023. p.153-157.

MURICY, Antônio Carlos. **Pastinha uma vida pela capoeira**. Publicado pelo canal Instituto Gingas, em 3 de jun. 2018. Documentário (83 min. 09 segs.). Disponível em: <https://shre.ink/keeV> . Acesso em: 12 de nov. 2022.

OLIVEIRA, Eduardo. Capoeira e filosofia. In: FREITAS, Joseania Miranda (org.). **Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015. p.253-265.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. Iyá Zulmira de zumbá: o sacerdócio das águas que viram. In: PACHECO, Ana Cláudia Lemos; NÚÑEZ, Joana Maria Leôncio; REIS, Larissa de Souza (org.). **Candaces: gênero, raça, cultura & sociedade: construindo redes na diáspora africana**. Salvador: Eduneb, 2019.

PEDRO TRINDADE, **Encontro com Mestre Moraes no Quilombo N'ganga**. Publicado pelo canal Pedro Trindade, em 21 fev. 2022. Vídeo (25 min. 53 seg.). Disponível em: <https://shre.ink/2CdP> . Acesso em: 14 ago. 2023.

PINHO, Patrícia de Santana. A Bahia no atlântico negro. *In*: PINHO, Patrícia de Santana (Org.). **Reinvenções da África na Bahia**. Annablume, 2004. cap.1, p.27-65.

PRATICANDO CAPOEIRA. **Documentário Mestre Curio Capoeira Angola Part 1**. Publicado no canal Praticando Capoeira, 2020. Vídeo (26 min. 27 seg.). Disponível em: <https://shre.ink/nsvN> . Acesso em: 08 out. 2023.

PORTAL CAPOEIRA. **Entrevista Mestre Canjiquinha 1960**, publicado pelo canal Portal Capoeira, em 27 de ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/2CWB> . Acesso em: 13 ago. 2023.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.